

## PROMOÇÃO DA EMPATIA PARA REDUÇÃO DE COMPORTAMENTOS HOSTIS NA INFÂNCIA

Waleska Ferreira Xavier<sup>1</sup>  
Vitoria da Cruz Cardoso<sup>2</sup>  
Marília Pereira Dutra<sup>3</sup>  
Lilian K. de S. Galvão - Orientadora<sup>4</sup>

### RESUMO

Com a facilidade de acesso a diferentes mídias e informações, a sensação de que o mundo está se tornando um lugar mais intolerante e hostil tem aumentado. Diante desse sentimento de impotência e insegurança, julga-se relevante investir, desde a infância, em programas de desenvolvimento da empatia e de redução de comportamentos hostis. Nesta pesquisa, a empatia é definida como uma habilidade social que proporciona ao sujeito a experiência de se colocar no lugar do outro; e a hostilidade como um ato de tratar o outro como inimigo, agir com agressividade, inimizade ou oposição, podendo passar da violência emocional a uma agressão física. Em vista disso, este trabalho trata-se de uma pesquisa-intervenção norteada pela técnica racional-afetiva de promoção de empatia, realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, com idades entre 9 e 11 anos. Os dados obtidos foram registrados em um diário de campo e analisados com base na análise de conteúdo de M. Minayo. Para promover a empatia, as intervenções realizadas foram organizadas em quatro etapas: aquecimento, dramatização, compartilhamento e ações pró-social. Os resultados demonstraram que a promoção da sensibilização empática para redução de comportamentos agressivos mostrou-se eficiente: as crianças, que antes falavam ou agiam de modo hostil, passaram a realizar o exercício empático de colocar-se no lugar do outro. Por fim, espera-se que esse trabalho de intervenção inspire outros que considerem públicos dissemelhantes.

**Palavras-chave:** Hostilidade, Empatia, Infância.

### INTRODUÇÃO

O estudo sobre a agressividade na infância tem interessado a teóricos, pesquisadores do comportamento humano e a educadores em geral. Isso é decorrente da íntima ligação entre agressão e fatores de risco ao desenvolvimento e à aprendizagem. A agressão pode ser conceituada como um comportamento intencional para produzir dano a outra pessoa, classificado dentro daquilo que a literatura chama de comportamento antisocial (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003).

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, waleska.ferreiraa@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, vitoriaccardosos96@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mdutraccg@gmail.com;

<sup>4</sup>Professora orientadora, Doutora em Psicologia, Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, liliangalvao@yahoo.com.br

Patterson, Reid e Dishion (1992) (apud PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005) enfatizam que o comportamento antisocial infantil consiste na apresentação, pela criança, de um conjunto de estímulos aversivos contingentes ao comportamento das demais pessoas. Esse comportamento pode aparecer muito cedo na infância, com várias características que apresentam consequências negativas para o desenvolvimento do indivíduo. Buss e Perry (1992) consideram que a agressão pode se expressar de quatro formas: agressão física, agressão verbal, raiva e hostilidade. A hostilidade é iniciada por qualquer estímulo ou presença de elementos desagradáveis que incentivem a raiva, insulto ou ataque. Esses estímulos engendram cólera, e esta é seguida por agressão, cuja intenção principal é provocar injúrias à vítima (ALVES; PEREIRA, 2011).

A etimologia da palavra *hostil* deriva do latim *hostilis*, sendo que *hostis* significa inimigo. O dicionário da Língua Portuguesa menciona que a hostilidade significa qualidade de quem é hostil. Uma pessoa hostil é adversa, contrária, inimiga, e apresenta uma atitude provocante ou agressiva (FERREIRA, 2004). O sentimento de hostilidade, de acordo com o Dicionário “Online de Português”, é comum nos seres humanos, seja contra uma pessoa ou até contra uma nação inteira.

Baseado nas pesquisas de Spilberger, Krasner e Solomon (1988) (apud SIQUEIRA, 2008), os termos raiva, hostilidade e agressividade, na prática, não são diferenciados, sendo um mesmo termo utilizado para descrever diferentes fenômenos. Assim, a sobreposição entre raiva, agressão e hostilidade conduz à necessidade de uma distinção clara entre esses três constructos. Buss (1975) apresenta a agressividade como intenção de promover estímulos desagradáveis, independentemente do fato de chegar ou não a conseguir. Spielberger (1992) define a raiva como um estado emocional que abarca sentimentos que se diversificam desde o aborrecimento leve, ou a irritação, até a fúria, seguidos por uma estimulação do sistema nervoso autônomo. (ZILLMAN apud SIQUEIRA, 2008) define a hostilidade como uma ação doentia de longa duração: o ato de desejar mal e de avaliar negativamente as pessoas e os fatos do dia a dia. Diante dessas afirmações, entende-se que a distinção crítica entre raiva, hostilidade e agressão é que a agressão é de caráter destruidor e punitivo, a raiva é uma condição emocional e a hostilidade apresenta comportamentos vingativos e arrogantes, podendo conter sentimentos de raiva como também agressões. Ser hostil sempre envolve infligir ou tentar infligir algum tipo de destruição, psicológica ou física, sobre o outro. Uma ira oculta ou não expressada que leva à hostilidade e à destruição.

Ainda segundo Siqueira (2008), Christensen, Wiebe e Lawton (1997) identificaram outra maneira de manifestação da hostilidade: a hostilidade cínica, caracterizada como uma

atitude interpessoal marcada pela desconfiança, suspeição, espírito de contradição e reação agressiva facilmente desencadeada.

Sobre o contexto escolar, Strecht (2001) menciona que cada vez mais as escolas tem se deparado com crianças e adolescentes que apresentam comportamentos hostis e que não aceitam limites aos seus comportamentos, agredindo tudo aquilo que os rodeia. Uma pesquisa do IPEA, divulgada em 2016, confirma que a violência reflete negativamente no rendimento escolar. O autor da pesquisa do IPEA, Daniel Cerqueira, afirma:

"A criança que nasce em um ambiente hostil, em que predomina o desamor, e que não é estimulada e nem recebe uma supervisão adequada, terá maiores chances de desenvolver problemas cognitivos e emocionais. Uma possível consequência é o baixo aproveitamento escolar e o isolamento" (p. 29).

Acredita-se que um caminho oportuno para minimizar os comportamentos hostis na infância é a inserção de programas educacionais nas escolas, com o uso da sensibilização empática (GALVÃO, 2010). Se a rotina vivenciada por essas crianças, no ambiente escolar, for algo positivo, elas tendem a se tornar adultos cooperativos, autoconfiantes, solidários, responsáveis (SOUZA; CASTRO, 2008). Defende-se, portanto, que as crianças precisam conhecer seus sentimentos como também os dos outros, para desenvolver, assim, atitudes mais favoráveis à solução de conflitos.

A empatia se caracteriza como a capacidade de apreender sentimentos e de identificar-se com a perspectiva do outro, manifestando reações que expressam essa compreensão e sentimento (HOFFMAN, 1989). De acordo com Galvão e Dutra (2016), a promoção da empatia beneficia a saúde mental; o aumento do índice de preocupação com o outro e previne a violência.

Diante do exposto, a partir da suposição de que a fase infantil é uma etapa importante para o desenvolvimento de habilidades sociais, como a empatia, foi criada uma proposta de intervenção que tem por objetivo principal promover a redução de comportamentos hostis na infância por meio da sensibilização empática.

## **METODOLOGIA**

O corrente trabalho constitui-se de uma pesquisa-intervenção, conceituada pela literatura como uma modalidade de pesquisa que permite tanto a sistematização de dados,

quanto a promoção de ações transformadoras (FAVERO, 2011), com uma abordagem qualitativa de coleta e análise de dados.

A pesquisa-intervenção faz parte de um projeto mais amplo que foi conduzido em 12 encontros e efetivado com um grupo de 15 crianças entre 9 e 12 anos que, no momento da coleta de dados, cursavam o quarto ano do Ensino Fundamental I, em uma escola pública na cidade de Campina Grande – PB.

Dos 12 encontros realizados apenas um será relatado neste texto em função da quantidade de dados gerados. Cada encontro durou cerca de 60 minutos e foram conduzidos por três mediadoras. A coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 66072816.2.0000.5182). É importante salientar que os nomes citados na descrição dos Resultados são fictícios para salvaguardar o anonimato dos respondentes.

Durante os encontros, para a promoção da sensibilidade empática em relação à redução de comportamentos hostis, utilizou-se a técnica “racional-afetiva” (GALVÃO, 2010), que mescla o uso de exercícios imaginativos, fundamentados no psicodrama, com o uso de rodas de conversas. Mais precisamente, as intervenções foram executadas seguindo as três etapas essenciais de psicodrama, as quais, de acordo com Malaquias (2012), são: o aquecimento, a dramatização e o compartilhar, acrescida de uma etapa nomeada comportamento pró-social, referente à realização de ações proativas.

Os dados coletados foram registrados em um diário de campo e foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Minayo (1998). Já os recursos, a técnica e o objetivo da intervenção que será compartilhada neste artigo estão descritos, de forma sintética, no Quadro 1.

#### **Quadro 1 - Descrição da intervenção realizada: recursos, técnica, objetivos.**

<b>Intervenção:</b> “Comportamentos hostis e desenvolvimento empático”
<b>Recursos:</b> Vídeo: “Palavras que machucam”; projetor; notebook; caixa de som; slides; cone para a ação pró-social; coroa de rei; capa de rei; roupas de TNT; castelo; folhas A4; coleção e bombons.
<b>Técnicas:</b> Técnica da cadeira elevada; contação de história; dramatização e roda de conversa.
<b>Objetivo:</b> Reduzir os comportamentos hostis por meio da sensibilização empática.

Fonte: elaboração própria.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### INTERVENÇÃO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS REGISTROS DO DIÁRIO DE CAMPO

Conforme foi descrito no método, as intervenções foram realizadas em quatro etapas, que serão descritas e discutidas a seguir considerando a análise de conteúdo realizada no Diário de Campo.

#### Aquecimento

Na etapa do aquecimento, que visa preparar o grupo para a dramatização, foi exibida uma animação intitulada “Palavras que machucam”, de origem canadense, com uma proposta antibullying, disponível desde 2007 na plataforma do Youtube, com duração média de 31s. A animação mostra como os olhares maldosos, apelidos, palavras ofensivas e chacotas que uma garota sofre pelos colegas de escola, por aparentemente ser considerada diferente dos demais colegas, assemelham-se ao poder de uma tapa na cara, de uma puxada em sua blusa e até de um empurrão.

Conforme pode ser observado nos trechos extraídos dos registros do Diário de Campo, tendo como respaldo metodológico a técnica racional-afetiva (GALVÃO, 2010), que mescla vivências afetivas com cognitivas, ao final do vídeo tentou-se sensibilizar os participantes para situações vivenciadas por eles mesmos, levando-os a discutir a temática da hostilidade mediante a seguinte questão: “*Quem já passou por isso na escola?*”. Os meninos relataram que já tinham sido apelidados ou sofrido agressões; as meninas não quiseram falar, mas quando perguntadas se já tinham passado por situação semelhante balançaram a cabeça, afirmando que sim. Diante dessa diferença perpassada pelo gênero, pergunta-se: esse silêncio das meninas em relação aos comportamentos agressivos vivenciados não estaria denunciando algo?

De um modo geral, pode-se dizer que os comentários coletados revelaram que a fase de Aquecimento conseguiu propiciar uma imersão no tema hostilidade, tanto do ponto de vista do entendimento do assunto (“*a palavra machucou igual a um soco*”), como do ponto de vista da sensibilização emocional e pessoal (“*um menino aqui fica falando de mim pelas costas*”).

#### Dramatização

Na etapa da dramatização, caracterizada pelo desenvolvimento de uma cena (MALAQUIAS, 2012), foi proposto que as crianças participassem de um teatro, mediante o uso da técnica da cadeira elevada, na qual o protagonista é colocado em uma cadeira em destaque. Mais precisamente, as crianças foram convidadas a brincarem de “O rei mandou dizer”, a partir de uma narrativa previamente construída, composta por três personagens: um rei hostil, que promovia desconfiança, hostilidade e agressividade sem se preocupar com os súditos; um rei empático, que promovia a paz e governava de maneira amigável e dócil; e os súditos, que obedeciam as ordens impostas. Para tornar a cena mais real, foram distribuídos roupas e acessórios e montou-se um cenário, com fundo musical.

Na primeira fase da dramatização utilizou-se a seguinte história:

“Num reino não muito distante, existia um rei muito rico que morava sozinho, pois era muito hostil. O rei colecionava cavalos, peças de ouro, cultivava plantas das mais raras espécies. Tinha muitos súditos ao seu serviço. Ele passava o dia dando ordens. Seu rei mandou dizer...” (aqui só a mediadora faz o papel de rei hostil).

Nessa fase, o rei hostil deu as seguintes ordens (Figura 1):

“Tire os sapatos agora, seus súditos” (mediadora) – todos obedeceram.

“Todos se ajoelhem e fechem os olhos” (mediadora) – todos fizeram.

“Olhem para o lado e riam” (mediadora) – Obedeceram

**Figura 1 – Momento em que a mediadora interpretou o rei hostil, que governava com hostilidade, raiva e desconfiança**



Fonte: Fotografia nossa, 2018.

Na segunda fase da dramatização, um novo protagonista assumiu a história (Figura 2):

“Um certo dia, os súditos cansados daquilo tudo, perceberam que não podiam continuar assim, aquilo deixava as pessoas se sentindo mal e, por isso, lançaram suas energias para o rei. De repente, no reino do rei hostil, a força da empatia reinou. O rei adormeceu e depois de um sono profundo acordou diferente. Agora ele é um Rei amigo, seu lugar de hostilidade ficou para trás. Agora as ordens do rei são outras”.

**Figura 2 – Momento em que as crianças experimentaram como é um rei empático, governando com docilidade, lealdade e empatia.**



Fonte: Fotografia nossa, 2018.

A narrativa criada foi desenvolvida para que todas as crianças interpretassem todos os papéis, a fim de garantir troca de papéis e a tomada de perspectiva do outro, práticas essenciais para o desenvolvimento empático (GALVÃO, 2010). Assim sendo, cada criança experimentou como é sofrer hostilidade e ser uma pessoa empática.

Neste segundo momento, todos foram convidados a ser o rei empático, dando ordens de gentileza. Nesta hora, foi compartilhado um depósito com algumas ordens de gentileza para serem sorteadas. No entanto, a maioria dos participantes falaram as ordens de modo espontâneo, sem precisar utilizar o recurso do sorteio:

“Todo mundo abraça Rebeca” (mediadora) – Todos obedeceram

“Todos abracem Gabriel” (criança participante) – Todos o abraçaram

Um dos participantes, ao utilizar o recurso do sorteio, ordenou “*todos façam carinho em Vivian (mediadora)*” – Todos a abraçaram (Figura 3).

**Figura 3 – Instante em que as crianças, vestidas de súditos, obedecem a ordem de fazer carinho em uma das mediadoras**



Fonte: Fotografia nossa, 2018.

Ao analisar o Diário de Campo, constata-se que uma das crianças sorteou a ordem “*peça desculpas a pessoa que você já ofendeu*” – e assim o fez; alguns meninos pediram

desculpas discretamente; um dos meninos pediu desculpas, de maneira hostil, a uma das meninas e falou: *“agora, da próxima vez, não me agarre não”*. Momentos como esses, em que as crianças têm a oportunidade de expressarem seus sentimentos e conversarem sobre como estão se sentindo, são essenciais para um processo de educação emocional.

Uma outra situação que chamou atenção, registrada no Diário de Campo, foi a que se originou da ordem *“o rei mandou abraçar um ao outro”*. Nesse contexto, os meninos se recusaram a abraçar as meninas (exceto um dos meninos). A coordenadora questionou o porquê. Logo após, outro garoto abraçou-as, seguido por outro, que disse *“eu vou abraçar porque sou cabra macho”*. Em seguida os demais meninos também abraçaram todas as meninas. Desde as primeiras intervenções, foi observada a resistência do contato entre os meninos e as meninas, entretanto, a cada problematização realizada, perceberam-se mudanças nesse quesito.

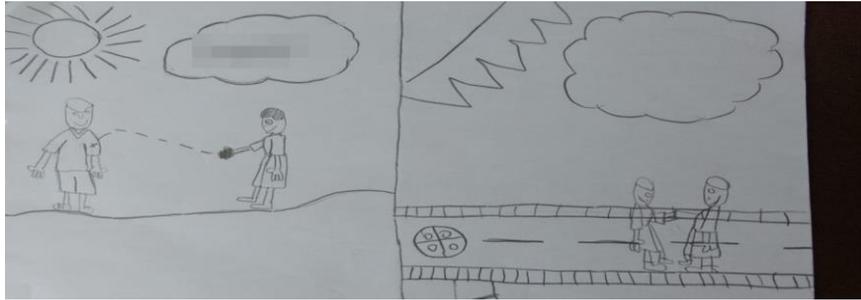
Ainda dentro da fase da dramatização, encontra-se o registro de uma menina que surpreende a todos quando pede para todo mundo abraçar aquele que acabou de ser hostil com ela: *“todo mundo abrace Zé”* – todos o abraçaram, e ele demonstrou estar emocionado. São ações deste tipo que revelam a relevância de programas como esse, que defende que a escola também é um lugar de promoção da cidadania (GALVÃO, 2010).

Em síntese, gradualmente, foi-se observando entre os participantes a substituição de um comportamento hostil por ações de gentileza, em consonância ao que discutem Ceconello e Koller (2000), quando afirmam que o desenvolvimento da empatia pode favorecer o vínculo entre as pessoas e contribuir para o desenvolvimento das relações de amizade.

## **Compartilhar**

Na fase do compartilhar, na qual os participantes do grupo podem expressar sobre o que foi vivido (MALAQUIAS, 2012), foi pedido, inicialmente, para eles desenharem (Figuras 4 e 5) a partir do seguinte comando: *“desenhem um dia que vocês foram hostis... e se pudessem reviver esse dia agora, o que fariam?”*

**Figura 4 – Desenho do tema “O dia em que fui hostil e me retratei”**



Fonte: Fotografia nossa, 2018. Nota: Desenho de uma das crianças relatando a história dele com um colega de sala. O desenho esquerdo mostra o dia em que brigaram na saída da escola e um deles jogou uma pedra no outro, já o desenho da direita demonstra o dia em que se reconciliaram, após o projeto de intervenção, e voltaram a ser amigos.

**Figura 5 – Desenho do tema “o dia em que fui hostil e me retratei”**



Fonte: Fotografia nossa, 2018. Nota: Desenho de uma criança que relata a história dele e de um colega que brigavam muito e, por isso, ele se sentia mal. Depois do projeto de intervenção, eles se aproximaram e se tornaram um dos melhores amigos, o que o fez se sentir bem.

Os desenhos apresentados nas Figuras 4 e 5, e os demais não publicados, demonstraram que as crianças não possuem um conceito claro do que seja hostilidade, tratando-a como sinônimo de diferentes tipos de manifestação de comportamentos agressivos, o que já era esperado, tendo em vista que nem a literatura pertinente conseguiu chegar a um conceito consensual. Os desenhos também foram importantes para deixar registrado o reconhecimento das crianças em relação às mudanças vivenciadas após as intervenções.

Depois desse momento introdutório para a fase do Compartilhar, as crianças foram convidadas a participarem de uma roda de conversa sobre o tema da hostilidade. A roda de conversa objetiva construir um momento de reflexão sobre o que foi vivenciado e de análise dos sentimentos relacionados a situações do dia a dia.

No início da discussão, uma das mediadoras perguntou: “*O que aprenderam hoje?* ”. As crianças compartilharam suas aprendizagens e sentimentos, conforme registros do Diário de Campo:

*“O bem e o mal”; “não pode ser hostil”; “quando ‘tava’ tendo a maldade do rei me senti escravo”; “bem porque participamos das brincadeiras, mal*

*porque obedecemos à ordem do rei hostil”; “nós se sentiu bem, dando carinho e recebendo carinho”.*

### **Ação Pró-social**

Ao final do encontro, na etapa do comportamento pró-social denominada “missão do dia da liga da empatia”, as mediadoras entregaram um chocolate a cada criança e falaram que elas deveriam “escolher uma pessoa com quem eles já agiram com hostilidade e dar de presente o chocolate, como uma forma de se desculpar e reconhecer que a hostilidade pode ter gerado no outro sentimentos ruins, como o que eles vivenciaram com o rei hostil”.

A partir dessa ordem de comando, algumas crianças entregaram o chocolate aos colegas da turma, relatando que havia conflito entre eles; outras entregaram a crianças de outras turmas na hora do intervalo; algumas falaram que entregariam em casa ao irmão.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se, diante dos dados relatados, que o trabalho realizado com o uso da técnica racional-afetiva para o desenvolvimento da sensibilização empática, mostrou-se promissor para favorecer a redução de comportamentos hostis tanto na escola quanto em outros contextos. É importante lembrar que, além dessa intervenção, outras foram realizadas em um formato semelhante e, dessa forma, julga-se que houve uma redução dos comportamentos agressivos entre os participantes, atestada pelos dados do Grupo focal e do relato da professora dos participantes. Esses últimos dados serão apresentados e discutidos em um artigo futuro.

Por outro lado, é notável que existem limitações no presente trabalho, considerando, por exemplo, a quantidade reduzida de encontros realizados (12), bem como a necessidade de envolver outros agentes de mudanças nesse processo, como a família e toda a instituição escolar. Também se sugere que esse modelo interventivo seja testado em outras faixas etárias e grupos.

Defende-se, por fim, que outros projetos semelhantes a este sejam executados com a finalidade de desenvolver outras habilidades sociais que possam contribuir para uma sociedade em que a harmonia social, empatia e altruísmo sejam valores cultivados.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. V. C; PEREIRA, M. E. Percepção do comportamento agressivo quando relacionado a diferentes faixas etárias. **Interação Psicol.**, 2011. p. 149-158.
- BUSS, A. H; PERRY, M. The aggression questionnaire. **Journal of Personality and Social Psychology**, 63, 452-459, 1992.
- BUSS, A. H. A agressão compensa. Em J. L. Singer (Org.), **O controle da agressão e da violência**: fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo: EPU, 1975. p. 112-130.
- CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. **Estudos de Psicologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 71-93, 2000.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Aprendizagem socioemocional na infância e prevenção da violência: questões conceituais e metodologia da intervenção. In DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**: questões conceituais, avaliação e intervenção (p.82-128). Campinas: Alínea, 2003.
- FÁVERO, M. H. A. A pesquisa de intervenção na psicologia da educação matemática. **Educar em revista**, Curitiba. Editora UFPR. n. Especial 1/2011, p. 47-62, 2011.
- FERREIRA, A. B de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.
- GALVÃO, L. K. S. Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- GALVÃO, L. K. S.; DUTRA, M. P. Empatia na educação infantil e o uso de desenho animado. In: **III Congresso Nacional de Educação – CONEDU**. 2016. João Pessoa.
- HOFFMAN, M. Empaty, role-talking, guilt and development of altruistic motives. In: EISENBERG, N; ROYKOWSKY, J.; STAUB, E. (Org). **Social and moral values**: individual and societal perspectives. Hillsdale: N. J. Erbaum, 1989, p. 285.
- MALAQUIAS, M. C. Teoria dos grupos e psiquiatria. In: CONCEIÇÃO, M. I. G.; NERY, M. P. **Intervenções grupais**: o psicodrama e seus métodos. São Paulo: Ágora, 2012.
- MINAYIO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 5.ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. **Interação em Psicologia**, Curitiba, jul./dez., p. 215-225, 2005.
- SIQUEIRA, G. T. Hostilidade: uma revisão da literatura no referencial teórico junguiano. **Tese de Mestrado**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. 2008
- SOUZA, M. A.; CASTRO, R. E. F. Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. **Psicol. estud.**, Maringá, v.13, n.4, p. 837-845, out./dez. 2008

SPIELBERGER, C. D. **Inventário de expressão de raiva como estado e traço (S.T.A.X.I.):** Manual Técnico. Porto Alegre: Vetor, 1992.

STRECHT, P. Crianças e adolescentes violentos: o que devemos saber para prevenir e actuar. **Cadernos de Criatividade**, 3 (pp. 17-29). Lisboa: A.E.D.C. 2001.

**Links dos recursos sugeridos:**

Vídeo: “Palavras que Machucam” <<https://www.youtube.com/watch?v=sjCUd6QK6tM>>

**AGRADECIMENTOS**

À professora Dra. Cleonice Camino por ter colaborado na idealização desse projeto; à Valdeilma de Freitas Alves; à Larissa Reis Alves por terem contribuído com a mediação das intervenções realizadas. Por último, ao CNPq, pelo financiamento de bolsas de pesquisa.